

Produtividade do trabalho: o motor do crescimento econômico de longo prazo.

Fernando Veloso, Silvia Matos e Paulo Peruchetti

O IBRE elegeu a produtividade como uma das preocupações centrais de sua missão institucional de contribuir para o debate sobre o desenvolvimento econômico do país. Diante da relevância do tema, o IBRE lançou recentemente o site **Observatório da Produtividade**, que reúne ampla base de dados sobre produtividade da economia brasileira, além de estudos e análises, a fim de fornecer informações para uma maior compreensão do tema e contribuir para a formulação de políticas públicas que possam aumentar a produtividade e impulsionar o crescimento econômico.¹

Uma das motivações para o aprofundamento de estudos relacionados ao tema é a perda de dinamismo da economia brasileira ao longo dos últimos anos, intensificada pela forte recessão pela qual o país passou entre o segundo trimestre de 2014 e o quarto trimestre de 2016, uma das mais longas e profundas da história. Além disso, a recuperação da economia tem sido muito lenta. Após crescer 1,3% em 2017 e 2018, o PIB deverá manter este ritmo de expansão em 2019.

Como revelam os indicadores do IBRE de produtividade trimestral, disponíveis no **Observatório da Produtividade**, a lenta recuperação do crescimento desde o fim da recessão pode estar associada ao desempenho negativo da produtividade do trabalho, que ficou estagnada em 2018 e teve queda nos três primeiros trimestres de 2019.²

Diante da relevância desse tema, o objetivo deste texto é analisar a evolução da renda per capita brasileira desde o início da década de 1980 e sua relação com o crescimento

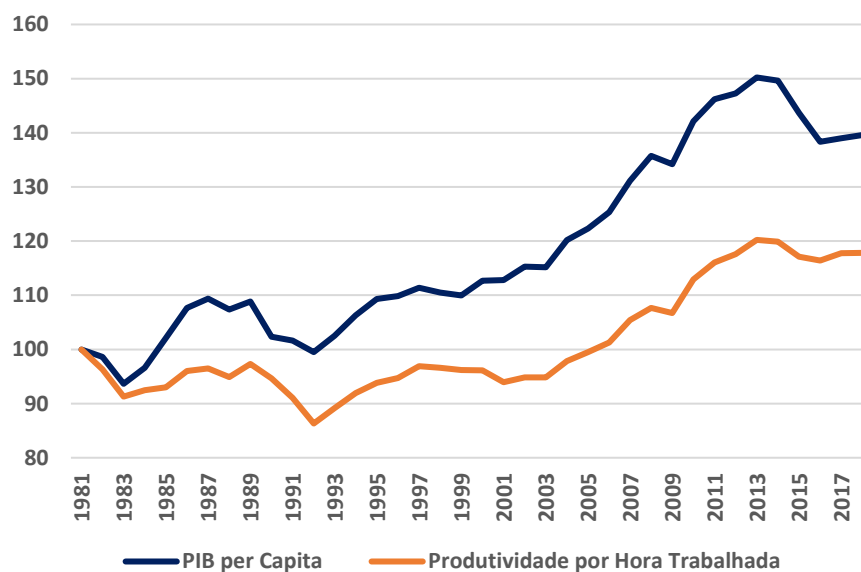
¹O site, disponível no endereço <https://ibre.fgv.br/observatorio-produtividade>, foi lançado no dia 4 de dezembro de 2019 no I Seminário de Produtividade e Reformas.

² O relatório que mostra a queda recente da produtividade trimestral do trabalho está disponível no link: <http://ibre.fgv.br/observatorio-produtividade/artigos/produtividade-do-trabalho-apresenta-queda-de-07-no-terceiro>

da produtividade neste período, de modo a fornecer elementos para um melhor entendimento de sua trajetória futura.³

O Gráfico 1 apresenta a dinâmica da evolução da renda per capita e da produtividade por hora trabalhada de 1981 até 2018.⁴

Gráfico 1: Evolução da Renda per capita e da produtividade por hora trabalhada. Número índice (1981=100). Brasil: 1981-2018.



Fonte: Elaboração do IBRE com base nas Contas Nacionais, Pnad e Pnad Contínua - IBGE

³Nos últimos anos, vários pesquisadores analisaram os determinantes do baixo crescimento da economia brasileira. Em particular, Regis Bonelli dedicou-se especialmente a investigar as causas da baixa produtividade brasileira, apontando seu papel determinante para o crescimento econômico do país. Parte de seu trabalho está registrado no livro **Anatomia da Produtividade no Brasil** (Elsevier, FGV IBRE, 2017), uma das várias obras em que colaborou com artigos para o melhor entendimento do tema.

⁴Neste texto, estamos definindo renda per capita como sendo a razão entre o Valor Adicionado obtido das Contas Nacionais e a população do país. Optamos por usar a informação de Valor Adicionado para que a análise fique compatível com o cálculo da produtividade por hora trabalhada, que também considera, em seu cálculo, a informação de Valor Adicionado (VA dividido pelo total de horas trabalhadas extraídos da Pnad Contínua e da Pnad). O dado de Valor Adicionado difere do PIB pois este equivale à soma do Valor Adicionado com os impostos (líquidos de subsídios) sobre os produtos.

O Gráfico 1 mostra que, embora o comportamento da renda per capita seja correlacionado com a dinâmica da produtividade por hora trabalhada, a renda per capita cresceu mais que a produtividade entre 1981 e 2018. Para entendermos melhor as razões dessa diferença, apresentamos na Tabela 1 uma decomposição do crescimento da renda per capita para períodos selecionados desde a década de 1980.⁵

Tabela 1: Decomposição do crescimento da renda per capita (em % ao ano). Brasil – Períodos selecionados.

Períodos	VA/POP	VA/HORAS	HORAS/PO	PO/PEA	PEA/PIA	PIA/POP
1981-1990	0,3%	-0,6%	-0,5%	0,1%	0,9%	0,4%
1990-2000	1,0%	0,2%	-0,4%	-0,7%	1,1%	0,7%
2000-2010	2,3%	1,6%	-0,4%	0,2%	0,4%	0,5%
2010-2018	-0,2%	0,5%	-0,5%	-0,5%	0,0%	0,3%
2010-2014	1,3%	1,5%	-0,6%	0,5%	-0,6%	0,4%
2014-2018	-1,7%	-0,4%	-0,5%	-1,5%	0,6%	0,1%
1981-2018	0,9%	0,4%	-0,4%	-0,2%	0,6%	0,5%

Fonte: Elaboração do IBRE com base nas Contas Nacionais, Pnad e Pnad Contínua - IBGE

Além do crescimento da produtividade por hora trabalhada, o aumento da renda per capita depende da jornada média de trabalho, que equivale à média de horas por trabalhador ocupado (HORAS/PO). Outro fator relevante é a taxa de ocupação, que corresponde à proporção de trabalhadores ocupados em relação à população

⁵ Na Tabela 1, o primeiro ano de cada período refere-se ao ano base da análise.

economicamente ativa (PO/PEA). Um terceiro determinante é a taxa de participação, caracterizada pela razão entre a população economicamente ativa e a população em idade ativa (PEA/PIA). Finalmente, a razão entre a população em idade ativa e a população total (PIA/POP) é uma medida da contribuição do bônus demográfico para o crescimento da renda per capita.⁶

Entre 1981 e 2018, a renda per capita e a produtividade por hora trabalhada cresceram 0,9% ao ano (a.a.) e 0,4% a.a., respectivamente. Os dados da Tabela 1 mostram que o baixo crescimento da produtividade foi compensado pelo rápido crescimento da população em idade ativa em relação à população (bônus demográfico), que aumentou 0,5% a.a. no período. Outra contribuição positiva para o crescimento da renda per capita, entre 1981 e 2018, foi o aumento da taxa de participação (PEA/PIA) a uma taxa de 0,6% a.a., refletindo a incorporação de mais pessoas à atividade econômica. No entanto, a queda da jornada média de trabalho (-0,4% a.a.) e a redução da taxa de ocupação (-0,2% a.a.) atuaram no sentido de reduzir a renda per capita ao longo do período.

Embora tenha contribuído positivamente para o aumento da renda per capita até 2010, desde então a taxa de participação tem oscilado, com redução entre 2010 e 2014, e aumento entre 2014 e 2018, o que provavelmente está associado a fatores cíclicos. Ao longo de todo o período analisado, a média de horas por trabalhador ocupado apresentou taxas negativas de crescimento, refletindo uma redução da jornada média de trabalho que tende a ocorrer ao longo do processo de desenvolvimento. Por sua vez, embora tenha tido queda de 0,2% a.a. entre 1981 e 2018, a taxa de ocupação tende a variar predominantemente ao longo do ciclo

⁶ A população em idade ativa (PIA) compreende as pessoas com idade entre 15 e 64 anos, que estão aptas a exercer alguma atividade econômica. A população economicamente ativa (PEA) compreende o grupo de pessoas que estão ocupadas (PO) e desocupadas (que não trabalham, mas estão à procura de emprego). Os termos VA/POP e VA/HORAS são, respectivamente, a renda per capita e a produtividade por hora trabalhada.

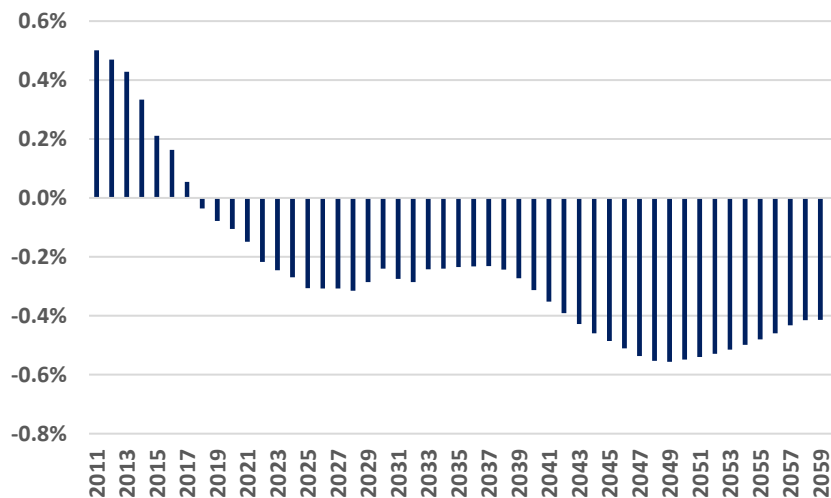
econômico. Isso é ilustrado pelo aumento de 0,5% a.a. entre 2010 e 2014, e pela subsequente queda de 1,5% a.a. entre 2014 e 2018.

Outro fato interessante é que, em períodos de maior crescimento da renda per capita, houve avanço significativo da produtividade por hora trabalhada. Entre os anos de 2000 e 2010, por exemplo, a renda per capita cresceu 2,3% a.a. e a produtividade por hora trabalhada cresceu cerca de 1,6% a.a., após expansão modesta de 0,2% a.a. entre 1990 e 2000.

Já no período recente, entre 2014 e 2018, a renda per capita teve forte queda de 1,7% a.a., resultado da combinação de uma redução da produtividade de 0,4% a.a. com queda de 1,5% a.a. na taxa de ocupação e redução de 0,5% da jornada de trabalho. O desempenho recente da renda per capita foi agravado ainda pelo esgotamento do bônus demográfico, cujo crescimento foi de apenas 0,1% a.a. entre 2014 e 2018.

O Gráfico 2, que apresenta o diferencial de crescimento entre a população em idade ativa e a população total, mostra que o bônus demográfico terminou em 2018, quando este diferencial entrou pela primeira vez em terreno negativo. O gráfico mostra ainda que nos próximos anos o bônus demográfico se converterá em ônus, com a população em idade ativa crescendo menos que a população.

Gráfico 2: Fim do bônus demográfico em 2018. (Diferencial de crescimento entre a população em idade ativa e a população total, em %)



Fonte: Elaboração do IBRE com base nas projeções populacionais do IBGE

Os dados revelam que os fatores que permitiram que a renda per capita crescesse acima da produtividade desde o início da década de 1980 não contribuirão positivamente no futuro. Por outro lado, determinantes que tiveram efeito negativo provavelmente continuarão a exercer esta tendência.

Em particular, a jornada de trabalho provavelmente continuará a cair como nas últimas décadas, seguindo tendência observada em outros países. A taxa de ocupação, devido ao seu caráter cíclico, também não oferecerá contribuição positiva no longo prazo. Como observamos anteriormente, a taxa de participação não tem aumentado desde 2010. Finalmente, com o fim do bônus demográfico, o crescimento da população em idade ativa será inferior ao da população como um todo.

Diante desse cenário, a única forma de aumentar a renda per capita e gerar crescimento sustentável no Brasil nas próximas décadas será por meio da elevação da produtividade do trabalhador. Isto, por sua vez, só será possível caso o Brasil persista no avanço da agenda de reformas.